

O discurso religioso barganhando a fé

*Maria Vitória Loureiro do Nascimento Vieira*¹
*Klivy Ferreira dos Reis*²

Resumo

O discurso religioso vem ganhando aclamação constantemente por se relacionar com estudos de diversas esferas do discurso ideológico. A base da religião conecta-se praticamente com outros campos de estudo humano, por formar nossa visão de mundo desde o processo colonial. Tal ação apresenta manifestações como meio para influenciar as pessoas, fato que se comprova através dos aspectos sociais, culturais e políticos, ao longo da história. Com isso, não há religião e discurso sem sentido, ambos estão entrelaçados, pois trilham propósitos semelhantes e apresentam-se em nossa constituição social. A ação desse discurso tem ido além de templos e reuniões fixas, sua evolução é visível na mídia, instituições de ensino, grupos partidários. Por essa razão, este trabalho busca analisar como se dá o caminho do discurso religioso barganhando a fé por meio da Análise do Discurso Francesa, à luz de Michel Pêcheux. Para isso, partimos de um estudo bibliográfico versando a obra de Althusser, *Aparelhos Ideológicos de Estado* (1985), de Eni Orlandi, *As formas do silêncio* (1995) e *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia* (2012), de Dominique Maingueneau, *Discurso e Análise do Discurso* (2015), de Michael Foucault, *A ordem do discurso* (1995), e de Michel Pêcheux, *Discurso. Estrutura ou acontecimento* (1997), entre outros. Dessa forma, a religião é idealizada pelas ovelhas como o lugar de refúgio, acalento para a alma cansada. Logo, esse é o lugar de transformação, afunila-se entre o domínio religioso e a fé. A objetividade do discurso religioso enceta a representação do sujeito-pregador e do sujeito-devoto, em que o primeiro se apresenta como o “porta-voz de Deus”, e o outro, a ovelha obediente que se submete às revelações e ao silenciamento, palavras proféticas, visões, sonhos e outras manifestações advindas “da parte do Criador”.

Palavras-chave: Análise do Discurso; discurso religioso; ideologia; religião.

¹ Docente de Educação Básica, no Centro de Ensino Mineiro e no Colégio Sapiens. Mestranda do PPGL da Unir.

² Professor de Literatura na Academia Social de preparação a Escolas Militares - ASPREM. Mestrando do PPGL da Unir.

The religious discourse bargaining faith

Abstract

The religious speech is gaining acclaim constantly relate to studies of various spheres of the ideological discourse. The basis of religion connects virtually with other fields of human study, form our worldview from the colonial process. Such action features demonstrations as a means to influence people, a fact that can be seen through the social, cultural and political aspects, throughout history. With this, there is no religion and speech without sense, both are intertwined, because walk similar purposes and are in our Constitution. The action of this speech has gone beyond of temples and meetings, your evolution is visible in the media, educational institutions, party groups. For this reason, this paper seeks to analyse how the path of religious speech bargaining faith through the French discourse analysis, in the light of Michel Pêcheux. For this, we left a bibliographical study on the work of Althusser's *Aparelhos Ideológicos do estado* (1985), of Eni Orlandi, *As formas do silêncio* (1995) and *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia* (2012), of Dominique Maingueneau, *Discurso e Análise do Discurso* (2015), of Michael Foucault, *A ordem do discurso* (1995), and of Michel Pêcheux, *Discurso. Estrutura ou acontecimento* (1997), among others. In this way, religion is conceived for the sheep as the place of refuge, hold for the weary soul. Soon, this is the place of processing, thin between the religious domain and faith. The objectivity of the religious discourse initiates the representation of subject-subject and devout preacher, in which the first presents itself as the "voice of God", and the other, the obedient sheep who submits to the revelations and to gene silencing, prophetic words, visions, dreams and other events coming "on the part of the Creator".

Keywords: Discourse Analysis; religious speech; ideology; religion.

1 Um discurso ideológico religioso

Nosso propósito, nesses manuscritos é o de abordar dentro do discurso religioso inserido pelas autoridades eclesiásticas para com seus fiéis, as esferas e representações desse discurso. Para tal, iniciamos com evidências do padrão nesse processo discursivo, que são as marcas de autoritarismo manobrado juntamente com o medo. Para Eni Orlandi (2005, p. 20): “O discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto”.

Por esse viés da autora, é necessário voltarmos à história e analisarmos o posicionamento da igreja como um forte aparelho ideológico às classes do baixo clero, ou seja, a massa. Tal instituição envolvida com princípios capitalistas envolvia o povo e o subjugava com ideologias causticantes, inseridas nas mentes. Althusser reforça e embasa tal abordagem:

O aparelho religioso lembrando nos sermões e noutras grandes cerimônias do Nascimento, do Casamento, da Morte, que o homem não é mais que cinza, a não ser que saiba amar os seus -irmãos até ao ponto de oferecer a face esquerda a quem já o esbofeteou na direita [...] a partitura da ideologia da classe atualmente dominante, que integra na sua música os grandes temas do Humanismo dos Grandes Antepassados, que fizeram antes do Cristianismo o Milagre grego, e depois a Grandeza de Roma, a Cidade eterna, e os temas do Interesse, particular e geral, etc. Nacionalismo, moralismo e economismo. (ALTHUSSER, 1970, p. 63).

Tais discursos, ao longo da história da humanidade, teriam sido realizados de forma intrínseca? Não aparenta verdade nisso, uma vez que o rastro de engano com a sustentação de obter sempre o lucro e o poder esteve explicitamente nos sermões. As ideias de “igualdade”, supostamente, deixavam o povo de fora. Sempre em acordo para a perpetuação do poder entre igreja e estado, Althusser elucida:

[...] no período histórico pré-capitalista, que examinamos a traços largos, é absolutamente evidente que existia um Aparelho Ideológico de Estado dominante, a Igreja, que concentrava não só as funções religiosas, mas também escolares, e uma boa parte das funções de informação e de cultura. (ALTHUSSER, 1970, p. 58).

2 Dízimo: uma leitura “capitalista”

Analisar os discursos relacionados ao Dízimo torna-se um tema tão forte e contundente por aqueles que o proclamam. Comecemos então com duas definições a respeito da origem religiosa do dízimo.

I. O dízimo existe há muito mais tempo que o cristianismo. Templos no antigo Egito, Grécia e Roma, por exemplo, cobravam tributos desde 1500 a.C. Eram doações de qualquer coisa que pudesse ser usada como dinheiro na Antiguidade, como animais, armas, frutas e água. A Igreja Católica institucionalizou a cobrança no Concílio de Macon, em 585, estabelecendo a quantia de 10% das posses dos fiéis. Mas foi Carlos Magno, rei dos francos, que expandiu a prática: conforme alargava seu império no século 9, difundia a cobrança nas regiões conquistadas. Com o tempo, os governos entraram na jogada. “A Igreja permitiu reis a cobrarem o dízimo, mediante o compromisso de expandir a fé cristã”, diz Diego Omar Silveira, historiador da UFMG. Com a separação entre Igreja e Estado, a partir do século XVIII, o dízimo voltou a ser um tributo exclusivamente religioso.³

II. O dízimo nas religiões abraâmicas foi instituído na Lei de Moisés, estipulado para manter os sacerdotes e a tribo de Levi, que mantinha o Tabernáculo e depois o Templo, já que eles não poderiam possuir herdades e territórios como as outras tribos. Também dízimo que era dado em forma de mantimento era usado para assistir os órfãos, viúvas e os pobres. Depois da

³ Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/qual-e-a-origem-do-dizimo/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

destruição do Templo no ano 70 DC a classe sacerdotal e os sacrifícios foram desmantelados, assim os rabinos passaram a recomendar que os judeus contribuíssem em obras caritativas. No Israel antigo davam-se dízimos de dez por cento dos animais, do fruto do campo e frutos das árvores, comprovado no versículo 30 do capítulo 27 do livro de levítico, terceiro livro do antigo testamento.⁴

Vejamos a segunda explicação, exclusiva da tradição judaica, a qual está fundamentada no Velho Testamento, e que ganha força nos discursos de líderes religiosos de instituições protestantes, quer sejam pentecostais ou neopentecostais. Havia uma lei para os Israelitas, a devolução da décima parte da colheita, do primogênito do gado, e assim por diante, pela qual quem tinha o direito de receber era somente a tribo de Levi, que recebia das onze tribos: “E os que dentre os filhos de Levi recebem o sacerdócio têm ordem, segundo a lei, de tomar o dízimo do povo, isto é, de seus irmãos, ainda que tenham saído dos lombos de Abraão”⁵.

Vemos aqui que o dízimo nunca pertenceu a líderes ou a outros: “E eis que aos filhos de Levi tenho dado os dízimos em Israel por herança, pelo ministério que executam, o ministério da tenda da congregação, também foi uma herança somente dos levitas”⁶.

Por tal referência da própria Bíblia, há clareza de que essa ação era específica e tradicionalmente de um povo que, por cultura e obediência à fé, vivenciava tal prática. A questão de grande relevância sobre tal discurso é: será mais um dos resultados do colonialismo sobre o Ocidente? Na verdade, percebemos que a ideologia cristã-religiosa faz parte da identificação do sujeito moderno, estabelecendo processos ideológicos interpelados.

⁴ Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/qual-e-a-origem-do-dizimo/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

⁵ Hebreus 7: 5/Versão: João Ferreira de Almeida atualizada.

⁶ Números 18:21/Versão: João Ferreira de Almeida atualizada.

O que buscamos é entender o espaço que esses discursos ganharam, movendo relações sociais do sujeito moderno ocidental. Por que vemos essa mensagem sendo apreendida com tanta veemência nos templos pelos líderes religiosos aqui no Brasil? Sendo uma cultura judaica para mantimento de uma única tribo, todavia, o que é mais surpreendente é o poder desse discurso que permanece vivo há séculos. O paradigma da fé, é baseado em “Toma lá, dá cá”, ou seja, se devolver o que é de “Deus”, nada me faltará; mas, e se eu não devolver? Como forte e poderoso aparelho ideológico do Estado, a igreja foi se difundindo religiosamente e doutrinando suas ovelhas, através do “ensinamento do Dízimo”.

Nesse contexto, infelizmente, de certa forma, isso foi passado de geração para geração, fazendo o sujeito acreditar que a submissão à doutrina seria o meio para sustentação da fé e de uma vida abundante. Esse ensinamento foi ganhando “força” e “forma”, seus padrões começaram a receber suas especificidades, tão convincentes e políticas, que o receptor jamais se colocaria a contestar sua veracidade, uma vez que o “divino” era reproduzido por uma autoridade eclesiástica. Não podemos esquecer a eloquência desses discursos, ao ponto de sua opacidade nem ser observada pelos que estavam e ainda estão inseridos nesse universo religioso.

Capitalismo e religião são o resultado de uma fusão completamente explosiva; para piorar, o resultado é um clero rico e um povo falido, porém, rico em alienação. A religião não educa, aliena; leva ao declínio psíquico, sempre em favor dos meios capitalistas. Por conseguinte, a discursividade religiosa camufla-se na ação autoritária, com características tendenciosas à não obviada, já que o propósito para tal enunciação é vedar essa possibilidade, sendo uma ilusão, embora necessária. Orlandi (1987, p. 240) diz: “essa ilusão tem várias formas nas diferentes manifestações do discurso autoritário”.

3 A ação do discurso

Vejamos alguns trechos que são utilizados para reforçar a ideia de que “devolvendo” o dízimo a ovelha será abençoada e nenhuma praga a alcançará. Observemos alguns dos discursos dos líderes religiosos:

[...] o dízimo é parte de uma promessa: “Além de ser uma ordenança, o dízimo sempre envolveu bênçãos de prosperidade, conforme Provérbios 3:9-10 (Honra ao Senhor com os teus bens, e com a primeira parte de todos os teus ganhos; E se encherão os teus celeiros, e transbordarão de vinho os teus lagares) e Malaquias 3:10 (Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal até que não haja lugar suficiente para a recolherdes.)” [...] Quando devolvemos a Deus os 10% que ele requer para que haja mantimento em sua casa, estamos dizendo que ele é o Senhor da nossa vida, que reconhecemos que tudo que somos e temos vem Dele e pertence a Ele; somos apenas os mordomos [...].⁷

Infelizmente é visível o enfoque que há na entrega do dízimo e a abordagem sobre tal entrega; uma vez não realizada, implica fatores que podem “comprometer” toda a vida do sujeito-ovelha nessa não devolução. O trecho de Malaquias, capítulo três, é o preferido pelas instituições religiosas. A passagem bíblica citada traz uma projeção do Templo-Estado, o que não deveria ser essas instituições. Torna-se totalmente antagônico esse discurso com o de Cristo, uma vez que tais instituições se denominam “seguidoras de Cristo”. Justamente por segui-lo, há um discurso paradoxal, pois o Cristo dos quatro Evangelhos evidencia, nessas boas novas, a generosidade, a espontaneidade, o amor, a misericórdia, a compaixão com o necessitado, e não o amedrontamento por conta da não devolução.

⁷ Pastor Silas Malafaia, editora Central Gospel, 27 de set. de 2018.

O dízimo é intocável e inegociável; não é nosso, é do Senhor. Quem atrasa o dízimo precisa quebrar esse decreto de maldição (Levítico 27: 30-34). Quando você não entrega o dízimo, está tirando o que é de Deus. O dízimo é a expressão da nossa fé. Quem não crê não entrega o dízimo e ainda alimenta pensamentos de que está dando dinheiro ao Pastor. Quem alimenta esses argumentos no coração está fechado às possibilidades de fidelidade. Todas as pessoas que são dizimistas fiéis não passam necessidade. Podem até passar algumas situações complicadas para honrar compromissos, dentro da sua realidade, mas não foi Deus quem fez essas dívidas. Se houve compromisso dentro de obediência, Deus é fiel e vai fazer próspera a sua sementeira. [...] Qualquer outro compromisso que tivermos não elimina o dízimo. Nem se deve usar o dízimo para honrar outros compromissos. Quem faz isso fica inadimplente com Deus, e a inadimplência gera falência e escassez. Muitos na Igreja não conseguem ser fiéis a Deus. Fidelidade é caráter irrevogável [...].⁸

Analisemos as posições dos sujeitos nos discursos apresentados: tem-se Deus, sendo sua voz “audível” por meio da liderança religiosa, que se apropria dessa “voz”, e os fiéis, silenciados e notadamente envolvidos no poder semântico discursivo. Remete-nos sobre a ilusória opção do livre-arbítrio que, às escuras, não traz outra inclinação que não seja a obediência ao ditame mandamento de “Deus”. Como cita Sant’Anna:

A violência deste tipo de discurso é diluída por uma falsa sensação de que o interlocutor é o responsável por uma decisão que não lhe compete, pois é determinada anteriormente pela imposição da vontade soberana do Deus em nome de quem o sacerdote fala. (SANT’ANNA, 2009, p. 503).

Para alguns teólogos contemporâneos, a cobrança do dízimo é uma fraude de exegética, mas, para os eclesiásticos mencionados, eles são

⁸ Ap. René Terra Nova. Ministério Apostólico Semear - MAS12.

os representantes do sujeito “Deus”, sendo, este, único, incontestável, ou melhor, sua peculiaridade é firmada na ação discursiva por aqueles que o representam, conferindo-lhe uma posição. Aliás, sua particularidade é tão marcada que seu interlocutor é interpelado em sujeito, assim como a própria ideologia. Orlandi (1987, p. 241) destaca que “só existe essa multidão de sujeitos religiosos possíveis porque existe um Outro Sujeito único absoluto”.

A participação nula do fiel, o enredo persuasivo do discurso e a sobreposição do uso da palavra, marcas inconfundíveis do discurso religioso, fomentam a identidade autoritária no processo enunciativo. Para que a argumentação e a persuasão ganhem formato, é necessária a utilização de metáforas, parábolas, para aproximar mais a realidade vivida pelo sujeito fiel, e também o enfoque radicalista, como: “benção”, “maldição”, “escassez”, “falência”, “fiel”, “infiel”, entre outras expressões consolidadas no “Nome do Senhor”. O que supostamente deveria ser um diálogo entre os sujeitos “Deus” e o fiel, apresenta-se em monólogo, uma vez que o porta-voz do “Todo Poderoso” externou uma verdade inquestionável. O uso das variáveis religiosas passa a ser, então, incompreendido por aqueles que não estão inseridos nesse universo religioso.

4 Considerações finais

Vimos que o sujeito não é centro do seu discurso; suas paridades de sujeito estão nos resultados que ele ocupa, uma vez que esse é produzido no interior dos discursos; sendo assim, há multiplicidade em sua identidade, sempre se deslocando. É interessante essa relação entre o sujeito que faz elocução discursiva e o “outro”; há uma constituição entre o “eu” e o “outro”, ele não é transparente, assim como a língua, a história e a ideologia deste.

A ideologia é uma prática eloquente: fusão entre sujeito, língua e história, para que aconteça senso no discurso, produzindo sentido. Cada sujeito carrega em si formações discursivas, nesse caso, de caráter religioso, expressando suas memórias discursivas.

Tratamos sobre o discurso religioso no enfoque sobre o dízimo, abordando suas peculiaridades, observando sempre o funcionamento dos aparelhos ideológicos sobre o sujeito. Somos conscientes de nossas limitações diante da imensidão que tal abordagem pode propor, todavia, consideramos que a apresentação dos textos poderá, de alguma forma, contribuir para o entendimento dos mecanismos existentes num discurso persuasivo barganhado na fé.

Referências

ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. São Paulo: Martins Fontes, 1974.

ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 11. ed. Campinas: Pontes, 2013.

SANT'ANNA, J. R. Demagogia coercitiva nos discursos religiosos de Padre Agamedes, de *Levantado do Chão*, de José Saramago. *Anais do XXII Congresso Internacional da ABRAPLIP*, Salvador, 2009, p. 498-514.